



**50 mortes à fome por dia, só em África, na época mais rica e produtiva de todo o percurso da humanidade... E nós, cegos pela efémera fumaça mediática, nem damos por isso!**

# o silêncio mata como o terrorismo

**I** magino um jornalista português encarregado, no próximo dezembro, de fazer um almanaque de resumo noticioso para 2017: desembocado à semana passada, que destacaria ele como acontecimento mais relevante destes dias, qual seria a notícia digna de figurar, destacada para a posteridade, num balanço analítico e prospetivo, como mandam as regras do jornalismo inteligente?

O atentado terrorista em Londres, cometido por um homem que matou cinco pessoas munido de um automóvel e de uma faca?

As declarações sobre a mistura para a calaceirice: aguardente, mulheres e povos do Sul, uma receita preconceituosa do presidente do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem?

A oficialização de um défice nas contas do Estado de 2016 inferior a 2,1%, o resultado que talvez (ainda talvez...) tire Portugal não só do procedimento por défice excessivo imposto pela União Europeia mas também do grupo dos países párias, segundo as mentes eurocratas?

O facto do "perdão fiscal" do governo, em 2016, ter sido aproveitado por grandes empresas lucrativas como a EDP, a Jerónimo Martins ou a Corticeira Amorim?

A escolha de Teresa Leal Coelho como candidata do PSD a presidente da Câmara de Lisboa e a declaração de Carlos Carreiras, o coordenador autárquico desse partido, a confessar ser-lhe "indiferente" as eleições lisboetas serem ganhas pela sua companheira de militância ou pela líder do CDS, Assunção Cristas?

A ameaça de fecho de 180 balcões da Caixa Geral de Depósitos, o banco público cujo novo líder, Paulo Macedo, anuncia aos quatro ventos não querer trabalhar nas cidades menos populosas, onde a banca privada desistiu de fazer negócio?

A venda de obrigações perpétuas daquele banco, a troco de um juro especulativo de quase 11%, o que obrigará a Caixa a pagar anualmente, mais ou menos, cem milhões de euros aos investidores?

A enésima ida do governador do Banco de Portugal ao Parlamento para se explicar, sem satisfazer ninguém, sobre o fim do BES?

A derrota de Donald Trump, incapaz de convencer o número suficiente de congressistas do seu próprio partido a votar um projeto de desmantelamento do Obamacare?

A nova lista dos mais ricos do mundo divulgada pela revista Forbes?...

São muitas, portanto, as hipóteses de escolha para o tal jornalista (português ou não) decidir qual foi o acontecimento mais relevante da semana passada.

Aposto, porém, **que nenhuma dessas notícias será, daqui a 100 anos, lembrada pelos historiadores.** Esses, à distância, ficarão abismados com um facto que ninguém destacou em primeira página, ninguém tratou em antena de telejornal durante mais de dois minutos, nenhum site trouxe ao topo da homepage mas que, lapidarmente, **define o atual estado de evolução da humanidade: a fome em África atinge 20 milhões de pessoas.**



É a maior crise humanitária do planeta desde a II Guerra Mundial. É um crime contra a humanidade cometido pela ação política e económica e, também, pela inação política e económica dos países mais poderosos e ricos do mundo. É um crime que não sabemos

denunciar, mesmo com o secretário-geral da ONU, o português António Guterres, a ir há dias a um desse locais de morte ossuda, ressequida, nauseabunda, verdadeiramente terrorista: a Somália.

Daqui a cem anos um historiador, ao descrever o capitalismo globalizado do século XXI, irá sentenciá-lo com este número: 50 mortes à fome por dia, só em África, na época mais rica e produtiva de todo o percurso da humanidade... E nós, cegos pela efémera fumaça mediática, nem damos por isso!

**Pedro Tadeu.** Jornalista  
*Diário de Notícias*, 28.03.2017

# **a Obra da Rua e o Pe. António Baptista Santos**



“Chegou a hora de dar notícia de uma Obra que há muito trazemos no peito, a saber: um abrigo onde possam morrer cristãmente legiões de inválidos sem morada certa. Vai-se-lhe dar o nome de Calvário” – anunciava o PADRE AMÉRICO no Coliseu do Porto em 2 de Junho de 1955.

O “Pai Américo” já **“sonhara aquilo que Deus queria”**: uma **“obra de doentes para doentes”**; a oferta à Obra da Rua da quinta da Torre, em Beire (Paredes), foi o momento

do anúncio. Depois foi o idealizar uma aldeia **“onde pudessem viver”** aqueles que, de outra forma, também não teriam **“onde morrer”**. O arquiteto riscou e a Obra **“começou a nascer”**, com cerca de 100 operários a dar as suas mãos a um coração de caridade ativa e de saber crente.

A primeira moradia foi a casa “Graças a Deus”, destinada a homens doentes mas que haviam de ajudar e confortar os vindouros. Depois, a casa “Esperança” para casal de inválidos ou senhoras. Seguiram-se instalações para cozinha, sala de jantar, dormitórios, moradias térreas, pavilhões, edifício dos serviços médicos, salão de convívio, espaços de repouso e paz... De um velho espigueiro, “monumental em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas”, brotou a Capela (casa do Pão vivo), servida por larga escadaria, que trepa sobre tapete de relva macia - a sua inauguração, em 16 de Julho de 1957, marcou o primeiro aniversário da morte daquele que sonhou e amou em primeira mão o Calvário.



Desde então - e sempre - o **Padre Baptista** tem sido a alma daquela aldeia, acolhendo, inovando, orientando e dando-se. Um Pastor, simples e determinado, que está sempre no meio das suas ovelhas, conhece-as nas suas histórias, trata a cada uma pelo seu nome e, quando “chega a hora”, o Padre Baptista recomenda-as ao Pai.

**Ao longo de todos estes anos, mais de mil pessoas ali encontraram guarida: gente sem família, rejeitados que se arrastavam, paralíticos, vítimas de uma pobreza escandalosa, doentes incuráveis e deficientes profundos (a primeira casa em Portugal para ambas as situações), pessoas acamadas e com doenças não identificadas, “lixo” que a sociedade repelia e que tudo fazia por esconder.**

Os portões da aldeia estão continuamente abertos para receber quantos, uma vez acolhidos, se veem renascer - apenas os pedintes preferem seguir o seu caminho de porta em porta. Quantos por ali ensaiam uns passos que nunca antes

deram, uma atividade que se julgara impossível, uns abraços que jamais tinham sentido e uns sorrisos que, doravante, permanecerão sentidamente retidos! Verdadeiros milagres...

Também, lá, onde encontraram repouso reconfortante mas em família, muitos “entregaram o seu espírito nas mãos do Pai”). Partiram com a certeza de que a “família”, que ali deixavam, os perpetuaria nas afetuosas orações do Padre Baptista.

Presentemente, residem naquela “aldeia” cerca de 70 pessoas. Respira-se lá toda uma filosofia de vida: “os doentes tratam dos sãos” para cultivar a saúde, não a doença. Como voluntários, são bem-vindos aqueles que “precisam do Calvário” (não é o Calvário que precisa deles). E são bastantes: só ao fim de semana, habitualmente, cerca de duas dezenas ali cuidam do seu espírito enquanto, entre outros serviços, dão banhos e recebem sorrisos.

Do Estado também por lá chegam pedidos de acolhimento. E mais nada. “Nem um tostão” (houve um Ministro que para ali destinou “cinco contos”, mas logo lhe foram devolvidos). Mesmo assim nunca falta nada – também nada se perde, tudo se aproveita. E quanto maior é a crise tanto maior parece a abundância!

“**Temos obrigação de meditar nestas coisas**”, concluía o Padre Américo no Coliseu...



Este conselho do Padre Américo, que traduz com inteireza a sua ação, compreendeu-o e interiorizou-o absolutamente o Padre Baptista. Tem feito da sua vida uma generosa dádiva àqueles irmãos mais frágeis com os quais convivemos quotidianamente, mas que nem sempre merecem a atenção de cada um de nós e da sociedade em geral.

Abdicou de muita coisa e talvez tenha abdicado muito de si, buscando apenas servir. Nunca foi fácil em tempo algum e muito menos na nossa contemporaneidade, assumir coerentemente aquilo em que se acredita e preparar-se para arcar com todas as consequências que daí resultam: o reconhecimento, a incompreensão, a humilhação e a nossa própria desadequação.

**Somos assim desafiados a salvaguardar este testemunho da única forma que fará a justiça justa, ou seja, preservando o Calvário de Beire, obra de um Homem Bom.**

Há momentos em que parece que só nos cabe o direito de rezar e apenas nos assiste a liberdade de tudo colocar no coração de Deus. Rezo também hoje com o Padre Américo pela Obra da Rua, pelos seus rapazes, pelos seus doentes, pelos seus beneméritos e pelos seus padres: **“Senhor Jesus, eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!”** (*Pão dos Pobres*, 3º ed., 3º vol., p.214).

Isto mesmo nos pede o Papa Francisco, quando nos diz: **“Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros.”** (*Evangelii gaudium*, n.º 270)

Porto, 24 de março de 2017

**António, Bispo do Porto**

**In memoriam**

# **HENRI LE BOURSICAUD,**

**fundador do *Emaús Liberté*, morre em Fortaleza aos 96 anos**



Aos 96 anos, o padre francês **HENRI MARIE LE BOURSICAUD** (foto com o Abbé Pierre) morreu de causa natural na noite dessa quinta-feira, 4, em sua residência no Pirambu, onde vivia há seis anos. Fundador da primeira **Comunidade Emaús do Brasil**, o redentorista dedicou a vida às questões sociais e conviveu entre os pobres.

Autor de 27 livros, **Henri** nasceu em 23 de agosto de 1920 em Elven, na Bretanha francesa. Nos últimos três meses, estava com a saúde debilitada pela idade, como conta o responsável pelo Emaús no Ceará, Airton Barreto. **"Um padre pobre que denunciava as injustiças sociais. De bens materiais, deixa apenas duas calças, duas camisas, uma bengala e um chapéu. Sendo que uma calça e uma blusa estão no caixão"**, diz.

Apesar da idade avançada, a presença e convivência com o **padre Henri** era muito forte. **"O que mais marca é sua coerência. Ele sempre dizia para tentarmos pensar bem, falarmos como estamos pensando e agir como pensamos e falamos. E que se você queria dizer alguma coisa, dissesse, senão ninguém ia dizer por você"**, narra Airton.

**Henri** entrou para o seminário dos Redentoristas aos 9 anos, foi ordenado sacerdote aos 26 e, anos depois, abandonou o convento para vivenciar o evangelho e conviver com os mais pobres. O primeiro contato com essa realidade foi na barraca de Champigne, comunidade de imigrantes portugueses em que havia apenas três torneiras de água. De lá para cá, morou no Iraque, no Haiti, com pigmeus, entre outros povos.

Aos 75 anos, andou a pé 1.500 quilômetros de Paris à Roma para chamar atenção da Igreja sobre as INCOERÊNCIAS do Vaticano. **"No fim da vida, ele dizia que a chegada do papa Francisco foi resposta à sua caminhada"**, explica Airton.

Em 2009, o redentorista morou três meses na comunidade **Vila Velha**, próximo ao mangue do rio Ceará. Em entrevista falou sobre essa e outras experiências: **"Se meu pai me visse ali (Vila Velha), aos 90 anos, diria: depois de velho, o Henri virou mendigo. A minha experiência foi de que não tinha vivido tudo ainda. Ali há malandros, criminosos, mas criminosos há em toda a parte. Também encontrei muito calor humano, a bondade, a simplicidade, a lealdade, a porta aberta. Vivia-se uma miséria horrível no Vila Velha, como se fossem porcos.**

**Quando chove, mais ainda. Como ficam os pequenos? É horrível. Mas estão sonhando, não sei como pode isso”.**

### **Convivência**

**"Nós somos únicos, Deus não nos repete, ele dizia. Na vida, há dois caminhos: o do poder e do dinheiro; e o outro é o caminho do amor e da justiça. Para entrar no do amor e da justiça, é preciso fazer ligação permanente com os pobres",** rememora Airton sobre os ensinamentos do padre Henri. O anfitrião dos últimos anos de vida do redentorista explica que pediu para cuidar dele como um filho cuida de um pai.

**"Um homem vivaz, que quando tomou a decisão de morar conosco disse que queria morrer entre os pobres. Já tinha suas limitações de saúde, mas falava com emoção e penetrava nossos corações",** afirma o consultor de marketing e vizinho do padre, Erivardo Silva, 38. Segundo Erivardo, Henri adorava caminhar pelo estradão e apreciar o mar, o qual já conheceu em idade avançada. **"De passos curtos, encurvado, ele falava com altivez. Amante dos animais, das pessoas mais simples e desassistidas",** frisa o vizinho.

### **Legado**

O MOVIMENTO EMAÚS AMOR E JUSTIÇA é uma organização sem fins lucrativos, que atua na comunidade Pirambu desde 1992. Com o objetivo de lutar contra a miséria, a ONG atende mais de 400 crianças de jovens e conta com colaboradores para recuperar objetos usados e gerar *renda*.

Já o projeto **4 Varas** foi criado em 1988 para resgatar direitos básicos de migrantes sertanejos. Trata-se de um MOVIMENTO INTEGRADO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA, com estímulo às descobertas de valores pessoais e culturais dos assistidos.

Reportagem publicada por *O Povo*, 05-05-2017.

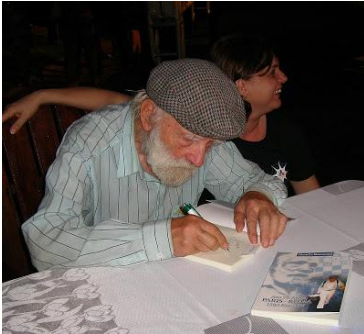
**“Filhos do Trovão” eram Tiago e João.  
Sobretudo Tiago!  
Mas este não era “filho do Trovão”,  
era o Trovão.  
Sentou-se à minha beira, que fazia a homilia,  
e soltou-se o trovão na igreja da Serra!  
Nunca vi assim!**

**Pe. Arlindo de Magalhães  
(08.05.2017)**

**Sobre o Pe. BOURSICAUD, ver *Folha Dominical*, nºs: 1089, 1261, 1322**

## Quem foi

# Henri Le Boursicaud?



### O pequeno bretão

**Henri Marie LE BOURSICAUD** nasceu a 23 de Agosto de 1920 em Bézidalan, uma aldeia de 5 casas da comuna de Elven, na Bretanha, em França, numa família de pequenos agricultores. A mãe, Marie-Anne d'Ars, bretã de coração e alma, era extremamente tradicional e alérgica a qualquer mudança.

O pai, Jean Le Boursicaud, era apologista do progresso e partilhava alguns trabalhos domésticos, o que era uma revolução naquele tempo.

Viveu com os seus quatro irmãos Emmanuel, Aimé, Jean e Thérèse num ambiente familiar caloroso. A casa era um espaço de liberdade e viviam em atmosfera de segurança.

No casal, as tensões de tradicionalismo e modernidade, por vezes pesadas, eram a manifestação de uma vida intensa, de um amor indissolúvel. A vida deles afirmou-se também pela longevidade, ele com 93 anos e ela com 83.

Com 11 anos Henri entra no Seminário e aos 26 foi ordenado presbítero na Congregação dos Missionários Redentoristas.

Se estes poucos dados biográficos terão alguma importância na construção do seu caráter, o percurso de ação até aos seus 45 anos levam-no a alterações profundas na opção perante o mundo.

Com 45 anos torna-se “padre operário”, contrariando já nessa altura as orientações de Roma.

Aprende a profissão de carpinteiro e passa a viver com os portugueses emigrantes na zona leste de Paris, em Champigny e mais tarde habita no forte de Villiers durante 2 anos com 500 argelinos.

Pobre entre os mais pobres, como o *Carpinteiro de Nazaré*, por eles luta, com eles sonha. E sonha porque não acredita em fatalismos. **"A miséria não é uma fatalidade"**

**"Um desgraçado deve ser sempre capaz de ajudar outro mais desgraçado do que ele"**, alguém lhe disse um dia no percurso para escutar Abbé Pierre e não mais esqueceu.

**"É precisar partilhar"** foi o seu grito profundo e a sua vida foi inteiramente dedicada aos que mais sofrem.

**Aos quarenta anos os seus amigos apelidavam-no de "buldozer", aos 50 de "profeta". Redentorista, companheiro de Emaús, hoje sente-se reconhecido como simples "semeador" da palavra de Deus, "semeador" da Esperança.**

por nevieira (25.05.2010)